

Estudos da Interpretação em revista: pesquisa e formação de intérpretes

Raffaella de Filippis Quental, Christiano Sanches do Valle Silva e
Denise de Vasconcelos Araújo*

Este número de Tradução em Revista é especialmente dedicado à área de Estudos da Interpretação (EI), duas décadas mais jovem do que a área de Estudos da Tradução e ainda incipiente no Brasil. Foi com grande entusiasmo, portanto, que aceitamos o convite para organizar um número temático na área. Considerando a carência de publicações nacionais, não foi surpresa a quantidade expressiva de artigos submetidos, que nos inspirou a elaborar dois números dedicados à área de EI, divididos entre os temas “pesquisa e formação de intérpretes” (o presente volume) e “história e modalidades de prática” (próximo número, com chamada de trabalhos ainda aberta).

As contribuições recebidas apontam para o aumento do interesse na pesquisa na área, o que pode ser explicado por alguns fatores diferentes. Entre eles, o próprio perfil do mercado de trabalho, que hoje exige, com maior frequência, que novos intérpretes tenham na bagagem uma formação profissional específica, o que aumenta a demanda por professores e pesquisadores, tendência já verificada em mercados mais maduros, como o europeu. Já na interpretação em língua de sinais no Brasil, é preciso levar em consideração os efeitos da ainda recente regulamentação da Lei de Libras (2005) e, conseqüentemente, da profissão e da formação de

* Os organizadores são professores do Curso de Pós-graduação lato sensu Formação de Intérpretes de Conferências da PUC-Rio, do qual Raffaella de F. Quental também é coordenadora desde 2016.

intérpretes de Libras no país, como argumentado em um dos artigos que apresentaremos a seguir.

Em consonância com o acima exposto, os artigos aqui publicados refletem uma preocupação com elementos de pesquisa, formação e aperfeiçoamento profissional, lançando luz sobre diferentes recursos técnicos da interpretação, incluindo aspectos lexicais e sintáticos de pares específicos de idiomas e o próprio veículo da interpretação de línguas orais, a fala. As semelhanças e diferenças entre interpretação em línguas orais-auditivas e de sinais são outra temática explorada. A origem das contribuições também é variada, incluindo desde jovens pesquisadores brasileiros até uma contribuição internacional inédita de autor renomado, que abre o volume.

O professor francês Daniel Gile, um dos pesquisadores mais respeitados da área e o primeiro a empregar o termo “Estudos da Interpretação” (vide artigo de Teresa Carneiro, neste volume), contribui com uma reflexão sobre a importância da leitura crítica como habilidade de pesquisa nos Estudos da Tradução e da Interpretação, alertando para os possíveis efeitos do viés social, ou profissional, na avaliação dos conteúdos. Após estabelecer uma distinção entre pontos objetivos e subjetivos, o autor sugere uma formação prática em leitura crítica para combater os efeitos do viés.

Gloria Sampaio defende o uso de aportes teóricos na formação de intérpretes, argumentando que, quando incluídos de forma específica, intencional e recorrente, podem contribuir para a formação de um futuro profissional mais preparado, confiante e intelectualmente independente. Os aportes teóricos enfatizados por Gloria são a Teoria Interpretativa da Tradução (*Théorie du Sens*), a Teoria do Modelo dos Esforços e a Teoria da Relevância.

Também focada na reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, Anelise Gondar apresenta a metodologia da pesquisa-ação aplicada a um caso de reestruturação curricular e suas implicações para uma disciplina teórica, na qual o trabalho desenvolvido se transformou em uma plataforma para que os alunos “aprendam a aprender” e se tornem aprendizes por toda a vida.

O conceito de aprendizagem autônoma é ulteriormente explorado por Raquel Schaitza, que propõe uma visão alternativa da prática deliberada, uma abordagem de aperfeiçoamento continuado, como forma de se alcançar a expertise em interpretação. De posse de formação e referenciais adequados, os intérpretes poderiam, refletindo sobre o próprio desempenho, continuar a se aprimorar em seu ofício.

Ainda no campo da formação dos intérpretes, porém agora na crescente área de pesquisa em interpretação de línguas de sinais, Teresa Dias Carneiro apresenta uma comparação entre a modalidade de interpretação em línguas orais-auditivas e a interpretação em línguas de sinais, salientando suas semelhanças e diferenças no que diz respeito a formação, prática profissional e status dos intérpretes, e refletindo sobre a regulamentação da profissão de tradutor/intérprete de Libras no Brasil.

Os últimos 3 artigos apresentam questões mais pontuais, de cunho mais prático, e igualmente pertinentes no contexto da pesquisa e formação de intérpretes. O artigo de Patrizia Cavallo, que apresenta o dicionário onomasiológico de língua inglesa *Longman Language Activator*, vem contribuir para a literatura sobre recursos lexicográficos, demonstrando sua utilidade para intérpretes novatos, em especial na fase de preparação linguística para a interpretação para língua B.

Ainda na área da lexicografia, e contribuindo para a escassa literatura dedicada ao par de idiomas alemão/português, Julia Hellmuth se debruça especificamente sobre o uso das colocações como estratégia de antecipação na interpretação simultânea do alemão para o português. Como explica didaticamente a autora, o domínio dessa estratégia ajuda a superar as dificuldades impostas pelas diferenças sintáticas entre as duas línguas, reduzindo o esforço de memorização e melhorando a qualidade da interpretação.

Finalmente, também partindo de uma preocupação com qualidade na interpretação e reconhecendo que ela costuma ser definida por critérios ligados apenas ao conteúdo, Layla Penha se propõe a analisar as características prosódicas da fala interpretada, como pausas e entonação, mostrando em que medida a prosódia interfere na avaliação da qualidade. Afinal, como afirmou Gile em seu clássico *Basic concepts and models for*

interpreter and translator training, “good voice and pleasant delivery [...] can occasionally do more toward convincing a listener [...] than the quality of the idea that is formulated or the information that is delivered” (p.38).

Registramos o nosso agradecimento à Comissão Editorial de **Tradução em Revista**, os Professores Marcia Martins, Maria Paula Frota e Paulo Henriques Britto, por toda a atenção prestada na construção deste volume e, em especial modo, pelo espaço oferecido à área de Estudos da Interpretação no Brasil, muito oportuno para a formação de massa crítica. Agradecemos também a todos os autores que se sentiram motivados a compartilhar suas reflexões e pesquisas, bem como aos 12 pareceristas que contribuíram de forma indispensável para que os textos chegassem à revista com a qualidade esperada.

Desejamos uma boa leitura e esperamos que este número contribua para a disseminação das pesquisas na área de Estudos da Interpretação no Brasil, revelando sua diversidade e despertando o interesse dos pesquisadores no aprofundamento de temas tão pertinentes para a formação e o desenvolvimento profissional dos intérpretes.